



HISTÓRIA

Passeio cultural organizado pela AdUFRJ visitou o Museu Histórico Nacional. O roteiro encantou os professores e foi o último do semestre

Páginas 4 e 5

ASSEMBLEIA DOCENTE VAI ELEGER DELEGAÇÃO QUE IRÁ AO CONAD

Página 2

DEBATE

VENTURA

O Conselho Universitário começou a debater a permuta dos 11 andares da UFRJ no prédio corporativo Ventura Towers, no Centro do Rio, por obras de infraestrutura acadêmica e de assistência estudantil. Estão previstas dez contrapartidas, como a construção de um prédio próprio para o curso de Dança; dois restaurantes universitários (mais um no Fundão e outro, em Macaé); e a conclusão do complexo CFCH-CCJE, mais conhecido como “paliteiro”, ao lado da Faculdade de Letras.

Página 3



ASSEMBLEIA AdUFRJ

PAUTA: Delegação ao 67º Conselho do Andes

02 DE JULHO

PARTICIPE!
A partir das **9h30**
Sala D-220
do **Centro**
de **Tecnologia**

ASSEMBLEIA DO DIA 2 DE JULHO VAI ESCOLHER DELEGAÇÃO DO CONAD

Uma assembleia nesta terça-feira (2), às 9h30, define a delegação da AdUFRJ ao 67º Conselho do Andes (Conad). A reunião será realizada na sala D-220 do Centro de Tecnologia.

A AdUFRJ tem direito a um delegado ou delegada — o nome é indicado pela diretoria —, com direito a voto, além de nove observadores.

A delegação será escolhida com voto em urna a partir dos nomes que forem indicados na assembleia. As urnas estarão abertas das 13h30 às 19h. A apuração será realizada na quarta-feira, dia 3, às 13h, na sala E-212 do CT. O Conad, que acontece no final de julho, em Belo Horizonte, atualiza o plano de lutas do movimento docente para o segundo semestre.

ASSINATURA DE ACORDO ENCERRA DOIS MESES DE GREVE

O Andes, o Sinasefe, a Fasubra e o Proifes assinaram na quarta-feira (27) o acordo com o governo que prevê reajustes salariais para 2025 e 2026. Fruto de longo processo de negociação, os documentos também incluem alterações nos degraus das carreiras do magistério superior, EBTT e dos técnicos-administrativos, além de transformar as primeiras classes da carreira docente em uma única classe de entrada, somando ganhos de 43% para os novos professores. Os acordos encerram a greve de mais de 60 dias de professores federais — os docentes da UFRJ não aderiram ao movimento paralisista. Já os técnicos da UFRJ terminaram a greve nesta segunda, com retorno às atividades a partir de amanhã (2).

No caso da carreira docente, do ponto de vista dos ganhos salariais, o documento só se difere daquele assinado pelo



ELINE LUZ/ASCOM ANDES-SN

Profes, em 27 de maio, em um ponto: o reajuste previsto para maio de 2026 será antecipado para abril daquele ano. Ao documento original foram acrescentados itens não econômicos, como a revoga-

ção da Portaria 983, que versa sobre a carreira EBTT, a liberação do controle de frequência para o magistério do EBTT e a criação de grupos de trabalho para discutir reequilíbrio de aposentados.

LUTA INCANSÁVEL CONTRA O RACISMO

Marco importante da luta antirracista da UFRJ, a Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade (Sgaada) acaba de completar um ano. A celebração aconteceu no auditório Hélio Fraga, no CCS, na terça-feira, 25, com atividades culturais e depoimentos emocionantes.

Um deles, da professora Nedir do Espírito Santo, vice-presidenta da AdUFRJ. A docente chorou ao recordar seus primeiros passos na universidade. "Por muito tempo, fui a única professora negra do meu Instituto", lembrou. Nedir elogiou o trabalho desenvolvido pela Sgaada e fez votos pela continuidade das ações afirmativas.



RENAN FERNANDES

Desde 1986 na UFRJ, Marli Rodrigues da Silva, coordenadora de política social do Sintufrj, destacou o poder de transformação social da universidade. "Cheguei aqui como prestadora de serviço, só tinha o ensino fundamental. Foi quando percebi como era importante o estudo. Concluí o ensino médio, me formei em Serviço Social e fiz pós-graduação", disse. Já Denise Góes, superintendente-geral da

Sgaada, exaltou o esforço coletivo. "Minha aposta é na coletividade. Tenho ao meu lado professores e alunos que acreditam e constroem esse trabalho maravilhoso", celebrou. O papel de docentes e técnicos-administrativos na formação de cidadãos comprometidos com a luta antirracista foi o destaque do reitor Roberto Medronho. "Damos todo o apoio e liberdade para a Sgaada", disse. **(Renan Fernandes)**

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC

Psicare PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIA

Consuni discute permuta do Ventura por obras

> Conselho Universitário inicia debate sobre a alienação dos 11 andares que a UFRJ possui no edifício corporativo do Centro. A contrapartida será focada na construção de prédios nos campi

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

O Conselho Universitário começou a discutir a permuta dos 11 andares da universidade no prédio corporativo

Ventura Towers, no Centro do Rio. A proposta da administração central é trocar os espaços por obras de infraestrutura acadêmica e assistência estudantil.

A troca segue o princípio da política de valorização dos ativos imobiliários da UFRJ iniciada na gestão do ex-reitor Roberto Leher e apresentado ao Consuni em 2018, em parceria com o BNDES. "Não é o projeto de uma reitoria. Já passou por três reitorias e foi aprimorado. Hoje, posso dizer que é um projeto da UFRJ, que será decidido, espero que favoravelmente, durante nossa gestão", afirmou o reitor, professor Roberto Medronho.

Hoje, a UFRJ detém aproximadamente 17% de todo o imóvel, ou 16.663m² de área construída. Desta parte, 19,74% são ocupados pelo setor administrativo da Escola de Música; 54,4% estão locados para empresas e 25,85%, vagos.

Após um período de baixa na pandemia, os aluguéis voltaram a dar lucro — o saldo do ano passado foi positivo em aproximadamente R\$ 5 milhões —, mas a administração central entende que a permuta trará benefícios importantes para a precária infraestrutura da universidade, no curto prazo. Para não atrapalhar a licitação junto ao mercado, os valores estimados do negócio não foram revelados.

"Se a gente colocasse numa 'caixinha' todos os recursos que nós obtemos hoje, demoraríamos mais de 50 anos para obter o valor total necessário para atender à lista de contrapartidas", afirmou o professor João Carlos Ferraz, do Instituto de Economia, integrante da comissão que assessora a reitoria no projeto. "Se nós alienarmos hoje ou no futuro próximo, o tempo necessário para a execução das obras seria de três anos".

Além do tempo menor, a expectativa é conseguir colocar a serviço da comunidade acadêmica uma área bem maior que a disponível no Ventura. "Se nós formos bem sucedidos na licitação, conseguiremos colocar em funcionamento 71 mil m² de instalações novas ou refeitas pela UFRJ", disse Ferraz.

Estão previstas dez contrapartidas, como a construção de um prédio próprio para o curso de Dança; dois restaurantes universitários (mais um no Fundão e outro, em Macaé); e a conclusão do complexo CFCH-CCJE, mais conhecido como "paliteiro", ao lado da Faculdade de Letras. A lista completa pode ser conferida no quadro desta página.

A lista não surgiu do acaso ou por vontade da atual gestão. "Elas foram estudadas desde o início deste projeto de valorização do patrimônio da UFRJ, em 2017. Também são objeto de ampla discussão entre decanos e a administração superior", informou a pró-reitora de Governança, professora Cláudia Cruz.

Todas as contrapartidas atendem a critérios de priorização de obras e investimentos do Plano Diretor da UFRJ, com exceção das duas obras da Escola de Música. Como única unidade ocupando dois andares do Ventura, ela ficaria à frente das demais para acelerar a desocupação do imóvel.

A permuta seria em bloco para melhor aproveitamento dos recursos. "Não vamos vender as lajes individualmente. Seria muito difícil, dentro deste modelo, associar um andar à obra de um prédio, de forma separada", acrescentou Cláudia Cruz.

As dez obras estão divididas em dois grupos: as do primeiro estão previstas para começar no oitavo mês pós-assinatura de contrato; as do segundo, somente no 26º mês. "Por que não começa imediatamente? Porque consideramos os prazos de aprovação de projetos e licenciamentos pelo município", explicou a pró-reitora.

PRIMEIRAS OBRAS

Figuram no primeiro grupo as duas obras da Escola de Música, o prédio "Fronteiras" — uma área multidisciplinar do Centro de Ciências da Saúde —, a sede própria do curso de Dança e o complexo CFCH-CCJE.

CONTRAPARTIDAS*

UNIDADE	ÁREA CONSTRUÍDA**
Escola De Música Prédio Novo Aulas	2.564
Escola De Música Conclusão Prédio B	124
CCS Fronteiras	1.000
EEFD Prédio Do Curso De Dança	2.599
CCJE/CFCH Prédio Cidade Universitária	43.605
Instituto de Matemática Prédio	4.762
CCS Salas De Aula	8.450
Macaé Restaurante Universitário	750
Letras Restaurante Universitário	750
Instituto De Química Meio Bloco	6.750

*Convergência com princípios do Plano Diretor
**EM M²

De forma diferente da EB-SERH, o primeiro debate no Consuni indica que a polêmica não deverá ser entre apoiadores e críticos do projeto. Mas entre os contemplados e os que ficaram de fora das contrapartidas. Ou entre quem deve ser beneficiado no primeiro momento e quem estará na final da fila.

"O que eu gostaria de questionar é a ordem das obras que está sendo propostas. Quando esse processo começou a ser discutido, o prédio do Instituto de Matemática era prioridade dois. Agora, caiu de prioridade (para o segundo grupo)", disse a professora Walcy Santos, do Instituto de Matemática. O prédio estaria mais de 80% construído, de acordo com a docente. "Deixar esse ativo mais dois anos parado, deteriorando o que a gente já investiu nele, eu acho um absurdo", completou.

Já a professora Débora Foguel, do Instituto de Bioquímica Médica, comemorou a contrapartida do prédio "Fronteiras", do CCS. "É uma obra emblemática desta universidade. Foi totalmente pensada pelos estudantes da nossa FAU. É um prédio multidisciplinar", disse. As instalações serão aproveitadas por áreas de fronteira do conhecimento na saúde — daí o seu nome. A ideia é que nesta edificação convivam pesquisadores do Instituto de Bioquímica, do Instituto de Biofísica, da Microbiologia, entre outras unidades.

Representante estudantil, Gabriel Batista avaliou que o projeto é importante, mas não resolverá todos os problemas de infraestrutura da universidade. "Escolhas precisam ser feitas. Difícil citar um prédio da UFRJ, se é que há um, que não tenha demandas estruturais muitas vezes urgentes", afirmou. "A solução efetiva dos nossos problemas, principalmente pela ordem de grandeza dos valores, é a disputa do fundo público de orçamento. Iniciativas como

a do Ventura ajudam a cobrir emergências".

DISCUSSÃO CONTINUA

O professor João Ferraz esclareceu que uma comissão independente do Plano Diretor da UFRJ estabeleceu a pontuação que define as prioridades das obras. "Infelizmente, o Instituto de Matemática, apesar de ter uma pontuação alta, entra no segundo bloco, por conta de estar no primeiro bloco uma obra de volume de recursos substancial, que é o complexo CCJE-CFCH", respondeu João Ferraz. Outro ponto que pesou para as escolhas foi onde se conseguiu o mínimo de informações para estimar o valor do investimento a ser feito em determinada obra.

O reitor Medronho anunciou que pretende fazer, pelo menos, duas audiências públicas para debate do projeto: uma no CCS e outra na Praia Vermelha. "Embora não seja uma discussão nova, ela é uma discussão que se renovou. Porque houve uma mudança do escopo original do projeto para este atual, que foi apresentado aqui. Por isso, acho necessário que a gente retome essa discussão junto ao corpo social da UFRJ", afirmou.

POR QUE A UFRJ TEM UM PEDAÇO DO VENTURA?

O empreendimento foi construído em um terreno da universidade onde chegou a funcionar a Faculdade de Letras, de 1970 a 1985. Com a mudança da unidade para a Cidade Universitária, o espaço foi ocupado irregularmente por um estacionamento. O processo de negociação para a construção do prédio passou por três gestões de reitoria até sair do papel — Paulo Alcântara Gomes (1994-1998), José Vilhena (1998-2002) e Aloísio Teixeira (2003-2011). A obra durou de 2005 a 2009, ano em que o prédio foi inaugurado.



KELVIN MELO

#OrgulhoDeSerUFRJ



História (revista) do Brasil é o ápice do ciclo de visitas

> Intervenções decoloniais, que resgatam visões historicamente silenciadas, como a diáspora africana, são destaques do passeio ao Museu Histórico Nacional, o último do projeto no 1º semestre

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Ao morrer, em 1880, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, tinha entre seus “bens” 12 homens e mulheres escravizados, que cuidavam de tarefas domésticas e de lavoura em sua chácara, na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Algumas das escravas tinham filhos “ingênuos”, que é como se chamavam os nascidos após a Lei do Ventre Livre, de 1871. O inventário de Duque de Caxias integra há tempos o acervo do Museu Histórico Nacional (MHN), mas suas informações só se tornaram públicas recentemente, em uma das intervenções decoloniais promovidas pela instituição — e que jogam luz sobre fatos invisibilizados de nossa história.

As intervenções decoloniais foram um dos destaques da visita guiada ao MHN, a última do ciclo de passeios histórico-culturais da AdUFRJ no primeiro semestre. Há a expectativa de um novo ciclo no segundo semestre, com novas temáticas e locais de visitação. Realizada na manhã de sábado (22), a visita reuniu



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

15 professores e foi guiada por Douglas Libório, graduado em História pela UFRJ e doutorando pela UFF, um apaixonado pela história (revista) do Brasil: “As intervenções decoloniais podem tornar os museus mais plurais. Neste museu, criado de um modo militarizado, elas podem ressoar uma ideia mais democrática de Brasil”.

ORIGENS

A visita começou pelo Pátio Epitácio Pessoa, também conhecido como Pátio dos Canhões. Douglas Libório falou das origens do MHN e do papel de seu idealizador, o integralista Gustavo Barroso. “Foi um intelectual que dialogou com o autoritarismo no entreguerras, no início dos anos 1900. Ele foi um dos mais ferrenhos defensores do antissemitismo no Brasil, e isso contribuiu para seu posterior ‘apagamento’. No integralismo, ele era da ala mais antissemita. Foi o criador do museu e seu diretor até a morte, nos anos 1950”, lembrou.

Entre as contribuições de Gustavo Barroso se destaca a criação do primeiro curso de museus do Brasil, em 1932, embrião do atual curso de Museologia da Unirio, o maior da América Latina. “Barroso vai se inspirar nos museus militares criados na Europa entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Ele vai

buscar as relíquias e os ícones das chamadas grandes batalhas do Brasil, como Tamandaré, Riachuelo, Osório, Caxias. O início da coleção do Museu Histórico Nacional é pautado por essa grandiosidade imperial e militar do Brasil”, explicou o guia. Aberto em 1922, nas comemorações pelo centenário da Independência do Brasil, o MHN ocupa três prédios que abrigaram instalações militares do Império.

Com ouvidos atentos às explicações do guia, o professor José Paulo Azevedo, da Escola Politécnica e da Coppe, tinha o olhar dedicado a detalhes da imponente construção da Praça Marechal Âncora, no Centro do Rio. “Essas visitas nos dão um panorama de nossa história que dificilmente teríamos sem as orientações do guia. Nós passamos na frente de instituições como esta e não imaginamos quanta história há lá dentro. Estou bem satisfeito com essa iniciativa da AdUFRJ, espero que ela prossiga. Como sou da área de Engenharia, fico observando os materiais empregados nas construções, as diferenças entre as arcadas, é tudo muito rico”, observou o professor.

RELEITURAS

Entre as novas inserções do MHN uma das mais belas e emblemáticas é a instalação do Altar de Oxalá, toda em tons

#OrgulhoDeSerUFRJ



FOTOS: ALESSANDRO COSTA



de branco e prata, dedicado ao orixá. A obra do escultor baiano Emanuel Araújo, morto em 2022, abre espaço à reflexão sobre a perseguição sofrida pelas religiões de origem africana no Brasil — e à violência do período escravagista, de forma geral. “São reflexões importantes. É impossível falar da história dos povos pretos no Brasil sem falar da violência, de nossas orações censuradas, das mulheres estupradas, dos açoites”, apontou Douglas Libório.

Os povos indígenas também receberam novas leituras no museu. A equipe do MHN propôs intervenções que firmaram o compromisso “com a escuta, a diversidade e o protagonismo de novas histórias que foram invisibilizadas ao longo da construção de uma ‘história oficial’”. A mostra “fandê: aqui estávamos, aqui estamos” celebra ritos, lugares e saberes dos povos originários desde antes da chegada dos colonizadores portugueses.

Douglas Libório também encantou a todos com ‘bastidores’ pouco conhecidos da Independência do Brasil. Um deles é retratado na tela “Sessão do Conselho de Estado”, da pintora paulista Georgina de Albuquerque. Ex-aluna da Escola Nacional de Belas Artes (atual EBA/UFRJ), Georgina dá tons impressionistas à pintura encomendada pelo governo em 1922 e que retrata o momento em que Dona Leopoldina é aconselhada por José Bonifácio a escrever uma carta a Dom Pedro I recomendando-lhe a proclamar a Independência do Brasil. A cena se passa em 2 de setembro de 1822, cinco dias antes do “Grito do Ipiranga”, cena imortalizada em famosa tela de Pedro Américo.

NOVO CICLO

Fiel frequentador do ciclo de visitas da AdUFRJ — participou de todos —, o professor Ricardo Medronho, emérito da Escola de Química, elogiou o projeto do sindicato e defendeu sua ampliação. “Acho uma iniciativa fantástica, uma forma de levar aos nossos filiados um pouco da cultura do país. Essa visita ao Museu Histórico Nacional nos proporcionou, em três horas de passeio, conhecer uma parte do acervo. E isso nos traz o desejo de voltar aqui. Quero conhecer o resto”, disse Medronho.



O gosto de “quero mais” também alcançou a professora Cibeli Reynaud, aposentada da Escola de Música e presidente da AdUFRJ de 1989 a 1991. “O guia é muito bom e conhece bem a história do Brasil. Foi empolgante a visita. Que venham outras!”, comentou o professor. Se depender da disposição do guia e da vontade da diretoria da AdUFRJ, não resta dúvida:



vem mais um ciclo de visitas por aí. De tão entusiasmado, Douglas Libório deu um “spoiler”: “Foi um ciclo importante, começamos com a história da cidade, no Museu Histórico da Cidade, e encerramos aqui com a história do Brasil. Foi um roteiro diversificado e deve ter impactado os professores. Parabéns a AdUFRJ pela iniciativa, e espero que no segundo semestre possamos aprofundar o projeto com roteiros na área de arte moderna”. Para a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, os

passeios proporcionam uma troca de experiências. “O que temos aqui é um experimento de entrelaçamento de saberes. Não é só um guia que explica e um grupo que escuta. São professores que interagem e acrescentam informações de suas áreas”, observou Mayra, também apontando para um novo ciclo. “Estamos aceitando sugestões de roteiros e lugares de nossos sindicalizados. Nossa intenção é ampliar esse projeto”, adiantou. Sugestões? Mande um e-mail para adufrrj@adufrrj.org.br

Separados pelo oceano e unidos pelo meio ambiente

>Pesquisadores da UFRJ em Macaé e da Universidade de Stavanger, na Noruega, se unem para encontrar soluções sustentáveis que reduzam os danos ambientais da indústria petrolífera

RENAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

Dez mil quilômetros separam Macaé de Stavanger, na Noruega. As realidades são distintas entre o tropical norte fluminense e o gélido sudoeste norueguês convergem em um ponto: a indústria petrolífera. As duas cidades possuem um tratado de cidade-irmã devido à influência do setor de petróleo e gás na economia local. Foi esse ponto de interesse em comum que chamou atenção da professora Daniela Maria Pampanin, do Departamento de Química, Bioquímica e Engenharia Ambiental da Universidade de Stavanger.

“Macaé e Stavanger têm uma relação forte. As duas cidades compartilham desafios em comum quanto ao desenvolvimento sustentável e à conservação ambiental, o que impulsionou esforços colaborativos e a troca de conhecimentos”, disse a professora. Com financiamento do governo da Noruega, a docente italiana criou em 2017 o projeto NorBra (Noruega - Brasil), em parceria com a UFRJ, o Instituto Oswaldo Cruz e outras instituições norueguesas e norte-americanas.

O quarto encontro presencial do projeto reuniu em Macaé, entre os dias 24 e 29 de julho, no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem), pesquisadores de diferentes nacionalidades para o curso internacional “One health perspective: a key for a sustainable future” (A perspectiva de uma saúde única: a chave para um futuro sustentável, em tradução livre).

A atividade teve como objetivo principal preparar uma nova geração de estudantes com ferramentas e conhecimentos interdisciplinares para enfrentar os desafios da promoção da saúde humana integrada ao meio ambiente. “Esta parceria não apenas constrói pontes para reduzir distâncias geográficas, mas também une objetivos compartilhados, potencializando o crescimento mútuo e a inovação”, celebrou Pampanin.

O conceito de “One health, one world” fundamenta o projeto a partir da ideia de uma saúde única entre os seres humanos, os animais e o meio ambiente. A proposta de integrar diferentes áreas do conhecimento uma noções dos campos de Biologia, Ciências Humanas, Ecologia, Economia, Educação, Engenharia Ambien-

tal, Fisiologia e Saúde Pública. “Saúde, meio ambiente e, particularmente, as doenças, tudo é interconectado, não dá para estudá-los de forma separada. O conhecimento multidisciplinar é fundamental para a compreensão de problemas complexos”, destacou o professor Rodrigo Nunes da Fonseca, ex-diretor do Nupem e um dos coordenadores do projeto.

A proposta integrativa de uma saúde única foi muito bem recebida no Nupem. Segundo Rodrigo, o instituto sempre desenvolveu pesquisas que dialogam com diferentes campos do saber. “Educação, meio ambiente e saúde são três focos da nossa unidade. A pesquisa em Biologia, Ecologia e, sobretudo, a ideia de sustentabilidade, são naturalmente multidisciplinares”, afirmou.

O projeto NorBra prevê apoio financeiro para que professores e alunos possam realizar parte de suas pesquisas nas instituições parceiras. A meta é criar uma comunidade internacional de pesquisa e criar pontes entre as infraestruturas das universidades e a biodiversidade de cada país.

Para a professora Ana Cristina Petry, coordenadora do programa de pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação do Nupem, o valor do intercâmbio de conhecimento é inestimável para as pesquisas. “Vai muito além do acesso aos equipamentos de ponta que existem em Stavanger ou do contato com um patrimônio biodiverso tão grande quanto o nosso”, ponderou.

A docente ressalta que a vivência das diferenças e similaridades entre os dois países é tão importante quanto o conhecimento técnico. “Muitas vezes, uma cidade pode passar no futuro o que a outra já viveu no passado e nós podemos aprender com isso”, explicou.

DESENVOLVIMENTO

Se a presença da indústria de exploração do petróleo traz impactos ambientais para as duas cidades, há também benefícios no desenvolvimento socioeconômico local que são considerados pelo projeto. A demanda por profissionais capacitados em lidar com a gestão ambiental de grandes empresas alimenta linhas de pesquisa nas universidades.

“Essas cidades têm a atenção do mundo sobre elas e acabam se tornando polos do saber. Formar pessoas nesse contexto é ótimo, porque já existe um



FOTOS: DIVULGAÇÃO/NUPEM

BIODIVERSIDADE Aula a céu aberto no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, em Macaé

“Macaé e Stavanger têm uma relação forte. As duas cidades compartilham desafios em comum quanto ao desenvolvimento sustentável e à conservação ambiental”

DANIELA MARIA PAMPANIN
Professora da Universidade de Stavanger

mercado pronto para receber essas pessoas”, concluiu Petry. A rede de contatos proporcionada pelos cursos do projeto NorBra é apontada como destaque pelos participantes. Gésily Aguiar, mestrande em Fisiologia pelo Nupem, encontrou no curso a possibilidade de novos caminhos profissionais. “Esse curso foi muito importante para mim, pude fazer laços com pessoas do outro lado do mundo, compartilhar experiências, treinar meu inglês e principalmente visualizar milhões de possibilidades”.

A estudante revelou que o ritmo das aulas ministradas durante a semana foi pesado. “Não vou mentir, foi puxado. A cabeça fervilha e o corpo também



INTERCÂMBIO Projeto busca a criação de rede internacional de

cansa, mas não me arrependo nenhum segundo de ter me inscrito”, declarou.

Já Nelly Narges Karimi participou na edição de 2019 como estudante de mestrado em Energia, Meio Ambiente e Sociedade na Universidade de Stavanger. Hoje, a líder do programa de desenvolvimento de inovação da universidade norueguesa recordou com carinho as aulas em Macaé.

“As palestras, as visitas de campo e a estrutura geral do programa foram muito bem planejadas. O curso promove várias oportunidades de contatos e aprendizagem entre pesquisa-

dores e estudantes de diferentes países”, lembrou.

O projeto NorBra funciona em ciclos de quatro anos. O atual se encerra em 2025. A professora Daniela Maria Pampanin espera aprofundar a cooperação entre a UFRJ e a Universidade de Stavanger. “Desde o início do projeto, existe um interesse crescente em participar de programas educacionais e de intercâmbio. A minha esperança é que esta parceria se expanda, criando uma relação duradoura de excelência acadêmica, beneficiando tanto as instituições como as suas comunidades”, desejou a docente.

ENTREVISTA | ANITA HANDFAS, DA REDE UNIVERSITÁRIA DE SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO

“VAMOS DENUNCIAR O GENOCÍDIO QUE VEM OCORRENDO EM GAZA”

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Ela aprendeu com o pai, desde cedo, que práticas colonialistas e racistas do sionismo devem ser combatidas. Hoje, a professora Anita Handfas, da Faculdade de Educação da UFRJ, usa os ensinamentos paternos para denunciar as atrocidades do governo israelense na Faixa de Gaza e para irradiar pelas universidades brasileiras uma corrente de apoio aos palestinos. Nesta entrevista, ela fala sobre os objetivos da Rede Universitária de Solidariedade ao Povo Palestino, criada há cerca de cinco meses e da qual é uma das coordenadoras nacionais.

■ **Jornal da Adufrj - Como surgiu a Rede e quais os seus objetivos?**

● **Anita** - A Rede foi criada por um grupo de professores que perceberam a urgência em criar uma rede de solidariedade que congregasse todas as instituições de ensino superior brasileiras. É um movimento de solidariedade ao povo palestino, mas também de denúncia das ações de caráter colonialista e racista do sionismo que vêm ocorrendo há mais de 70 anos na Palestina. Como expresso em seu manifesto de criação, a rede quer fazer um chamado a toda a comunidade acadêmica para uma tomada de posição contra o “regime de apartheid e a atual política de terror praticada pelo Estado de Israel” na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. É uma rede que pretende estimular as mais diversas ações, sejam atividades culturais, debates, lançamento de livros, exibição de filmes e tantas outras que têm como objetivo demonstrar nossa indignação com o genocídio perpetrado pelo Estado de Israel e expressar toda a nossa solidariedade ao povo palestino.

■ **Essa denúncia abarca o histórico da relação entre Israel e a Palestina?**

● Ao contrário do que a mídia corporativa propaga, de que essas ações recentes do exército israelense seriam uma resposta ao ataque do Hamas em 7 de outubro passado, a realidade é que o apartheid e o colonialismo existem há mais de 70 anos, desde a criação do Estado de Israel em 1948, e a história mostra como que o povo palestino tem sido privado de seus direitos básicos, de viver em paz e de exercer sua plena soberania. São décadas de sofrimento, mas também de muita luta dos palestinos pelo seu direito de viver em liberdade. A proposta da rede vem no sentido de aglutinar as universidades, estimulando a criação de comitês de solidariedade e de denúncia das condições em que vivem os palestinos.

■ **E por que uma rede universitária?**

● A universidade tem como uma de suas principais vocações a de ser um espaço de desenvolvimento da crítica, da reflexão, e da tomada de posição em favor dos povos oprimidos. É na universidade que devemos ser chamados a pensar em alternativas para a solução dos problemas que afligem toda a humanidade. Um dos objetivos da rede é levar para dentro da universidade o tema da Palestina. É claro que outras instituições da sociedade

podem e devem se mobilizar, e a rede vai estar sempre associada a essas iniciativas, mas afirmamos em nosso manifesto que “como professores e professoras que têm convicções críticas, democráticas e humanistas defendemos a necessidade de garantir ao povo palestino e suas lideranças o exercício do seu direito à libertação nacional e plena soberania”.

■ **Outro objetivo da Rede é o BDS. Poderia falar mais sobre isso?**

● O BDS é um movimento internacional, cuja sigla significa Boicote, Desinvestimento e Sanções. É inspirado em ação semelhante da África do Sul, que também enfrentou um regime de apartheid, e na doutrina militar, abastecendo diversos países em contratos milionários. É o caso do Brasil. Temos como exemplo as armas usadas pela polícia nas favelas do Rio de Janeiro, em grande parte compradas do governo israelense. Na página da internet da rede fazemos um chamamento à comunidade acadêmica para se engajar no BDS, por meio de ações de rompimento de acordos de cooperação técnica que universidades brasileiras mantêm com o governo de Israel. Outra luta que buscamos levar à frente é para que o governo brasileiro rompa as relações diplomáticas com o Estado de Israel.

■ **Como tem sido a adesão à rede?**

● Centenas de professores universitários de todo o Brasil já se integraram à rede. Temos iniciativas importantes que têm em comum a solidariedade aos palestinos e a denúncia do genocídio que em Gaza, assassinando até o momento mais de 37.000 pessoas. É um pesadelo para todo o povo palestino, mas também para tantos profissionais que têm sido mortos. São médicos cujo objetivo é salvar vidas; são jornalistas que querem mostrar ao mundo a barbaridade que vem ocorrendo em Gaza. A destruição dos edifícios e do patrimônio cultural é gigantesca, veja as várias universidades que foram derrubadas. É importante registrar a crescente participação dos estudantes com ações de denúncia e de BDS.

■ **Como a rede pode mostrar a realidade dos territórios ocupados?**

● Nunca houve tanta visibilidade da questão palestina como agora. Ao con-



ACERVO PESSOAL

trário do que vinha acontecendo em outros confrontos, temos um conflito com transmissão direta. Recentemente testemunhei o depoimento de um aluno que se disse horrorizado com as imagens de crianças correndo de bombas aéreas. Esse aluno entendeu o que representa o sionismo e se colocou a favor da causa palestina. A opinião pública pode até não ter clareza da real situação, tendo em vista o papel deturpador da mídia corporativa. A rede quer fazer esse contraponto, resgatando a verdade histórica. Vamos denunciar o genocídio que vem ocorrendo em Gaza.

■ **Como vê o movimento em universidades norte-americanas em favor da causa palestina. É uma inspiração?**

● Só temos que aplaudir esse movimento que veio na esteira de manifestações gigantescas na Europa. Foi um posicionamento dos professores, dos estudantes. Na Universidade de Columbia, por exemplo, foi emocionante. Muitos professores sendo presos e fazendo barreiras com seus corpos para que a polícia não atingisse os alunos acampados. É algo que aqui no Brasil ainda não alcançamos, mas vamos nos manter firmes e fazer tudo o que for possível para engajar o maior número de professores, técnicos e estudantes. Creio que as manifestações nas universidades lá de fora serviram de inspiração para alguns atos que tivemos aqui, como o acampamento dos estudantes da USP, para citar um exemplo.

■ **Você acha que há algum foco de resistência às ações de Israel em Gaza dentro das universidades israelenses?**

● Participamos de uma atividade recente na Faculdade de Educação que exibiu uma entrevista com uma professora universitária israelense, Nurit Peled-Ehlanan, pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade de Jerusalém, autora do livro “Ideologia e propaganda na Educação: a Palestina nos livros didáticos israelenses”. Ela demonstra a

forma pela qual os palestinos são retratados como seres inferiores nos livros didáticos do ensino médio em Israel. Há uma estratégia didática de apagamento do povo palestino. E veja que em Israel os estudantes ingressam no Serviço Militar — meninos e meninas — assim que concluem o ensino médio. Isso nos dá a dimensão do papel decisivo que os livros didáticos exercem na formação desses jovens com relação ao desprezo ao povo palestino. Este é apenas um exemplo. Nas universidades israelenses há vozes corajosas que se posicionam contra o sionismo, ainda que sejam perseguidas.

■ **Qual a sua visão sobre os próximos passos do conflito?**

● É difícil fazer previsões. Benjamin Netanyahu (primeiro-ministro de Israel) está desgastado internamente e isolado externamente. Mas quem será capaz de deter Netanyahu e sua máquina de guerra, que já fustiga o Líbano e o Irã? Teremos um conflito generalizado na região? Uma coisa é certa, o povo palestino resistirá, como tem feito há mais de 70 anos. De nossa parte, é seguir na luta contra o genocídio, contra a ideologia sionista e exigir um cessar-fogo imediato.

■ **Os docentes da UFRJ têm se engajado na Rede?**

● Embora diversos professores tenham aderido ao manifesto, ainda temos muito a caminhar. É preciso replicar as ações, incorporando um número crescente de professores. Gostaria de fazer um chamamento aos meus colegas da UFRJ para que se juntem a essa luta de apoio ao povo palestino e de denúncia do caráter racista e colonialista do sionismo. Uma luta contra o apartheid, contra o genocídio que está ocorrendo em Gaza. Convido todos os colegas a conhecer a página da Rede na internet (<https://universidadespalestina.com/>), e se engajar nessa luta tão importante pela libertação e pela soberania do povo palestino.



HOMENAGEM LOTOU AUDITÓRIO Os professores Eleonora Kurtenbach, Kildare Miranda e Robson Monteiro entregam placa comemorativa ao aniversariante Adalberto Vieyra

Adalberto Vieyra, 80 anos: “Muito obrigado, amigos”

Professor emérito e diretor do Cenabio formou gerações de pesquisadores. Homenagem reuniu amigos e ex-alunos. “Muito obrigado”, resumiu o docente argentino, naturalizado brasileiro

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Em 13 de maio de 1976, um jovem argentino chegou ao bloco G do Centro de Ciências da Saúde com apenas 57 dólares no bolso. Fugia da ditadura recém-implantada no país natal e buscava emprego no Instituto de Biofísica (IBCCF). Conseguiu. Quarenta e oito anos depois, dirigentes, colegas e ex-alunos se reuniram para reverenciar a vida e a obra do hoje professor emérito Adalberto Ramon Vieyra, em um lotado auditório do mesmo bloco.

A solenidade, realizada na quarta-feira (26), comemorou os 80 anos do homenageado, completados três dias antes. “Inegavelmente, um exemplo para todos nós. Quem conhece o professor sabe da sua dedicação, da sua competência, do seu compromisso”, afirmou o reitor Roberto Medronho. O dirigente contou que Adalberto comparecia à universidade mesmo durante os tempos mais agudos da pandemia de coronavírus. “Embora estivéssemos em isolamento social, o professor vinha aqui diariamente, saindo às nove ou dez horas da noite”.

Estar a serviço da Ciência todos os dias é uma característica da trajetória do mestre. Com uma extensa e ainda ativa produção acadêmica — a última

atualização do currículo Lattes aconteceu no dia 11 de junho —, Adalberto formou gerações de pesquisadores.

Entre eles, o atual presidente da Faperj, professor Jerson Lima. “Há 45 anos, conheci o professor Adalberto, como aluno. Nunca faltei a uma aula dele. Entendi logo que esse era um mestre a seguir”, disse. Jerson também chamou atenção para o poder de convencimento do homenageado, que o levou para a agência de fomento à pesquisa no estado. “É como um anjo que vai, silenciosamente, influenciando. Ir para a Faperj abriu minha visão para outros saberes. Nada disso teria acontecido se não fosse o Adalberto”, completou.

A professora Tatiana Sampaio, do Instituto de Ciências Biomédicas, foi a primeira aluna a defender o doutorado sob orientação de Adalberto. “Eu lembro que, no meu primeiro dia no laboratório, com 18 anos, já tinha o protocolo pronto na bancada, com a letra lindíssima que ele tem. E que ficou ao meu lado para me explicar como as coisas seriam feitas”, disse.

Durante a solenidade, não foram poucas as brincadeiras dos ex-discípulos sobre o lado exigente do professor. Havia cobrança, mas muito carinho também. “Sempre foi uma pessoa muito acolhedora, mas o fundamental era que dava muita segurança para a gente: dizia que você pode arriscar, que você pode fazer mais do que você

pensa que é capaz e que vai dar certo. Mas vai precisar trabalhar duro pra isso”, contou Tatiana.

Tinha tanta confiança nos estudantes a ponto de passar cheque em branco para eles. Literalmente. Ex-aluno do curso de Ciências Biológicas (modalidade médica) e diretor da AdUFRJ, o professor Rodrigo Nunes da Fonseca contou uma passagem do período em que Adalberto dirigiu o Instituto de Ciências Biomédicas (1998 a 2007). “Foi quando criamos a Semana de Biomedicina. O professor Adalberto nos proporcionou isso”, afirmou Rodrigo, hoje atuando no NUPEM-Macaé. Mas para um destes eventos, que teria um convidado importante da USP, estava faltando um datashow. “Ele nos deu um cheque em branco. Disse que, se a gente não conseguisse emprestado, era para alugar”.

Enquanto os colegas celebravam a oportunidade de desfrutar a orientação do mestre por alguns anos, a professora Claudia Dick, da Biofísica, ganhou o privilégio desta influência desde a infância. Adalberto era amigo de seu pai e se tornou seu padrinho. “Essa convivência foi essencial. Aquela menina pobre foi bastante estimulada para estudar. Recebia muitos livros. Antes de qualquer passeio para cinema ou museu, a gente tinha que passar primeiro no laboratório, todo sábado”, disse. “O amor do professor Adalberto pela Ciência e, principalmente,

pela universidade foi contagiante para mim”.

CAPEs

Um amor que não cabe apenas na UFRJ. O mestre coordenou a área de Ciências Biológicas II junto à Capes de 2005 a 2011 e de 2014 a 2018. “De forma sintética, posso afirmar que suas contribuições fizeram das Ciências Biológicas II uma das áreas mais pujantes da Capes. Uma área aberta ao novo”, elogiou a professora Débora Foguel, titular do Instituto de Bioquímica Médica.

Foguel citou a criação de dois programas multicêntricos que existem no sistema nacional de pós-graduação. “Talvez uma das melhores, quiçá a melhor forma, de se construir programas de pós-graduação em rede e solidários que se tem conhecimento”. A professora também destacou a valorização de iniciativas dos programas de pós junto à educação básica e a extrema preocupação do mestre com a integridade e ética na pesquisa.

DESPRENDIMENTO

Além de resultados científicos, o emérito sempre cultivou amizades. Na parte final da homenagem, o professor José Roberto Meyer, titular do IBQM, comoveu o auditório ao contar uma história de véspera de carnaval, de muitos anos atrás. A única televisão da casa havia quebrado e sua mãe e sua avó perderiam o tão aguardado desfile das escolas de samba.

Na sexta-feira antes do carnaval, Adalberto lhe deu a costureira carona, mas não parou na Leopoldina como sempre fazia. “Eu morava na Tijuca. Mas fomos até a casa dele, em Copacabana. Pegou a única televisão que tinha em casa, botou dentro do fusquinha dele, me levou até a Tijuca e disse ‘agora elas vão assistir ao desfile das escolas de samba’”, encerrou, emocionado.

Este desprendimento apareceu de novo quando o próprio Adalberto fez uma breve apresentação de sua biografia. Não citou sequer uma vez os prêmios recebidos ou algum trabalho científico de sua autoria. Pelo contrário, valorizou as conexões criadas ao longo de 50 anos de vida acadêmica, a começar pelo saudoso professor Leopoldo de Meis — a primeira pessoa que conheceu na UFRJ —, que dá nome ao Instituto de Bioquímica Médica.

O compromisso de uma vida inteira resumiu no slide final da apresentação. Na imagem, segurava a faixa durante um ato na praça Mauá, antes da pandemia. “Nós manifestamos, com força, a convicção de que um país sem ciência e tecnologia é um país sem futuro”, concluiu, sob aplausos.

Ao final das homenagens, questionado se teria mais algo a dizer, Adalberto, muito simples, limitou-se a falar: “Muito obrigado, amigos”.

Nós que agradecemos, professor.